

Poemas de tempos de cólera

José Huguenin

José Huguenin

Poemas de tempos de cólera

1ª Edição

Volta Redonda - RJ

2021

2021 © José Huguenin

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Edição: José Huguenin

Capa: José Huguenin

Ilustração: Julliane Yoneda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H891a Huguenin, José, 1978 -

Poemas de tempos de cólera / José Huguenin

Volta Redonda – RJ, José Huguenin Edições, 2021.

20 p.

ISBN: 978-65-00-28422-5

1. Poesia brasileira I. Título

CDD: B869.1

Os poemas de tempos de cólera

A poesia capta o momento. Mesmo não escrevendo sobre o tempo presente, especificamente, ele, o tempo presente, está no meio dos versos, transformando quem os escreve.

Mas, diante do que vivemos, a palavra quer falar explicitamente sobre os tempos que desafiam a humanidade... tempos de cólera. Citando Gracia Marques, chamo de cólera a pandemia da COVID-19. Também são tempos de cólera no sentido de estado de espírito... ficamos coléricos, furiosos. Não pelo desafio do vírus, pois a ciência está aí para descobrir caminhos e a fé para nos sustentar... o que nos devasta é desumanidade com que nos deparamos em certas pessoas que são capazes de admitir a morte de milhões naturalmente, como um efeito colateral banal.

Com isso em mente, dá para entender porque alguns dos poemas que escrevi durante esses tempos tiveram que falar explicitamente dos tempos de hoje, dos tempos dessas duas cóleras... meus versos não puderam calar frente ao espanto causado pelo medo desta doença traiçoeira, frente a percepção do quão devastador são os efeitos na saúde e na vida das pessoas, pela indignação frente ao descaso... mas, como não poderia ser diferente, frente à esperança tão necessária.

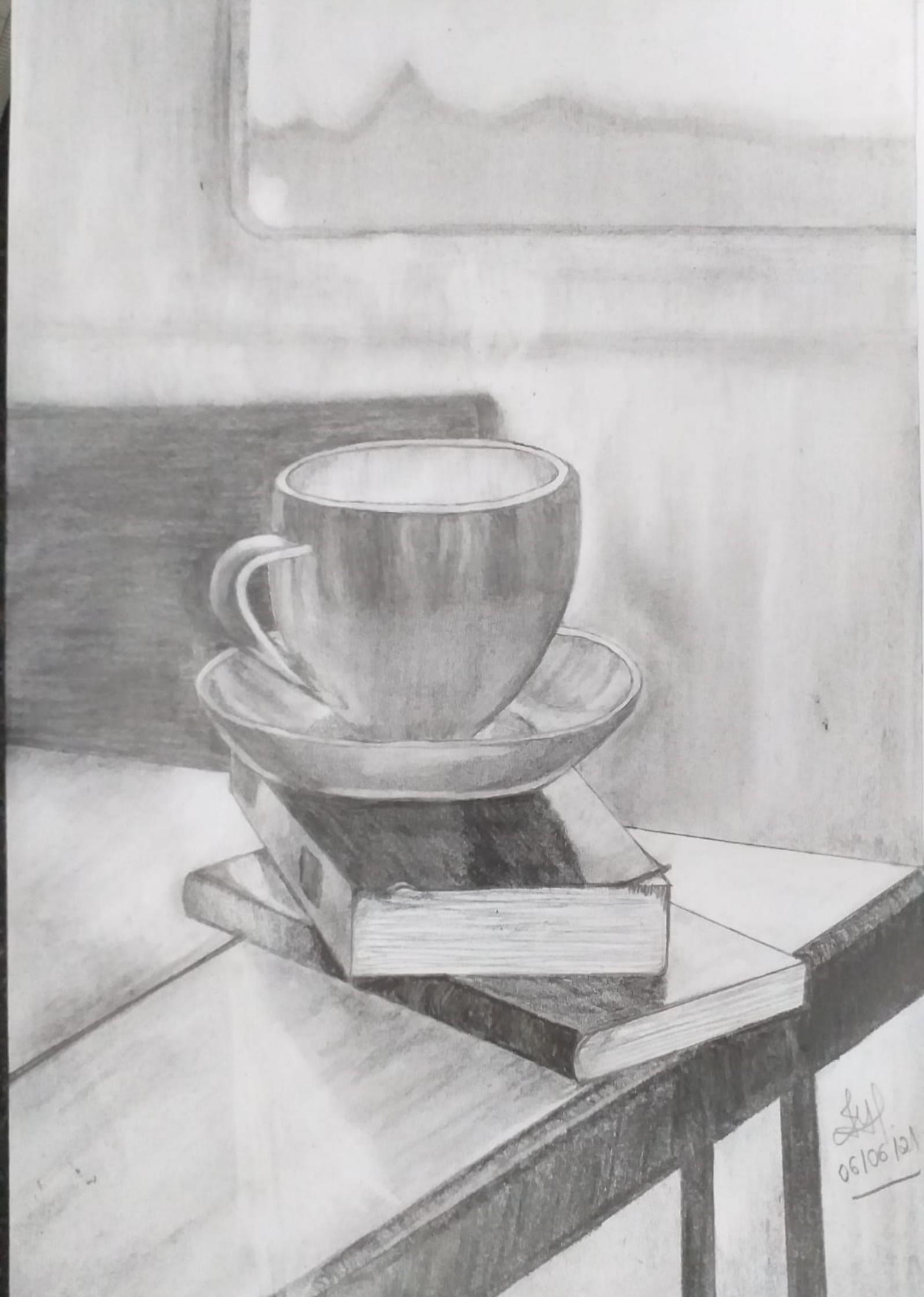
Além de deixar aflorar sentimentos gerais que penso serem coletivos, coisas do cotidiano também são tratadas. O amor imenso que impede um filho visitar a Mãe no dia das mães, o natal que foi silencioso, a festa da padroeira da cidade que não terá procissões... os caminhos se fecham, é preciso resiliência.

Reunidos aqui, esses poemas se juntam, humildemente, a tantos outros como pequenos testemunhos de um tempo que a história, no futuro, dirá com mais precisão o que se passou... eu só espero que a vida vença para contar essa história.

Independente de quem a conte, a arte vai deixando vestígios do hoje para sempre. A força da arte que sob o ataque de todas as cóleras, resiste, teima, se reinventa, sai pelo ar em *lives* que estarão nas nuvens ao alcance da ponta dos dedos. A poesia? Estará viva, pulsante... será vacina contra dormência de afetos, alimento poderoso, bebida quente que aquecerá o frio que corações e mentes poderão vir a sentir.

José Huguenin

Agosto de 2021



[Signature]
06/06/21

A palavra no tempo do cólera

A palavra

Anseia sair

Se espalhar no papel

Dizer o indizível

Descer ao inferno

Tocar o céu

A palavra

Aflita

Precisa ser escrita

Pintar o desespero

Denunciar os crimes

Dar fé a quem não acredita

A palavra

No tempo do cólera

Fotografa o sentimento

Cristaliza uma lágrima

Nos isola

Nos aproxima

Cóleras

A cólera
se pega no contato.
É preciso isolamento,
que tormento...
medo de morte,
medo de fome,
nervos à flor da pele,
angústia que nos consome.

A cólera
se pega no contato
com ideias insanas,
desumanas,
ranço que se pega.

Encolerizamo-nos
com o vírus.
Encolerizamo-nos
com quem o nega.

As cóleras estão soltas
por aí, nas esquinas...

É que ainda não há vacinas
contra estupidez.

Mais juntos que nunca

Um ser

Que não chega a ser vivo

Nos se-para

Uma opressão

Brota no peito

Diante de incerteza rara

Em nossas casas

Preenchemos como dá

As horas vagas

A poesia é voluntária

Em favor da sanidade

Da tenra e da madura idade

Toda gente

Pelo aparelho se pergunta

Se-parados?

Não!

Em movimento!

Mais juntos que nunca!

O que nos faz temer?

O que nos faz temer?

A praga ou a sua negação?

O que corrói, silenciosamente, por dentro?

O isolamento ou a aglomeração?

Os dias já longos se vão...

Precisamos de superação,

Renunciar a nós pelo bem maior,

Encontrar a nós em quem está do lado,

Saber que a nós tanto foi confiado.

O que aconteceria se todos perdessem o medo?

Haveria festa na rua ou re-infecção?

O que nos faria parar de temer?

Ilustrações? Algarvias?

...ou o limite das privações do ir e vir?

É preciso resistir.

Resistiremos.

Agora está perto...

Todos hão de sorrir...

É preciso paciência e confiança

No dom que Ele nos deu:

A ciência!

Além da fé, que não costuma falhar

(outubro de 2020)

A poesia

Para Chico César

A poesia,
Nestes tempos de mitos,
É necessária.

Desanuvia,
Desperta,
Desafia.

Tira a mente da dormência
E a torna humanitária.

Se estamos em estado de poesia,
Os versos têm o poder de
Transformar
Pensamentos insanos,
De nos tornar mais
Humanos
Diante da realidade,
Antes que acabe
O que chamamos
Humanidade

Mãe, é seu dia e estou cá

O tempo passa,
Mas ao teu lado serei sempre
Teu menino.
E tu serás sempre
Meu arrimo

Raios, tempestades,
Sobre mim podem cair
Fico calmo, teu amor é fortaleza,
Dádiva de Deus que me deu a vida,
Milagre que faz cicatrizar a ferida,
Certeza no meu caminhar,
Lição constante a me ensinar...

E hoje, por que te amo, não estou a teu lado,
Para te abraçar, contigo almoçar...
Peço, então, a um passarinho azul
Que visite e entregue essa canção
Para a mais linda e amorosa Mãe,
Que sempre estará no meu coração.

(para minha Mãe, para a Mãe dela, e todas as mães que tem seus filhos longe hoje na
pandemia)

Este natal

Este Natal
Será mais silencioso
Que o de costume.
Será diferente de se ver.
Para muitos,
Será aquele que
Se desejará esquecer.

Neste Natal,
Muitos, como nunca,
Desejarão profundamente
O nascimento do menino Jesus.
Para muitos, este Natal
Será o mais carente de luz.

Mas a esperança não há de se apagar.

Neste Natal,
Na certa,
As distâncias estarão dilatadas
Pelo tempo de ausências forçadas
Que nos desesperam ao nos fazer esperar.

Até quando? Podemos nos perguntar...
A resposta, quem tem?
Mas não há de tardar para além
Do que é seguro.

Para todos.

Neste Natal,
Na certa,
Haverá poucos presentes,
Mas não ausências.
Pois amamos tanto, tanto, tanto...
E o amor não precisa ir,
Ele sempre está.

(dezembro de 2020, poema escrito para o E-Book “*Sentimentos de Natal*”, da Editora Outra Margem)

Soneto para Santa Rita

Não se verá fila para pegar seu andor
Ó exemplo de fé e vida, ó minha Santa Rita!
De casa, mandaremos o nosso louvor,
E no céu ouvirás nossa alma que geme e grita!

Isolados, silentes, mas unidos na prece,
Vos pedimos, ajuda-nos nesse tormento
O frio do nosso coração, vem, toca-o e aquece
Ensina-nos a viver a vida sem lamento

E as ruas da Floresta, sem cheiro de cocada
Sem o som da banda em festiva alvorada
Sem a festa que comove agente, fica triste

E quando teremos de volta nossa vida?
Ilumina o povo, ó Santa Rita querida,
Com teu exemplo de fé e de amor que não desiste!

Pela janela

Hoje ver a vida da janela
É como vê-la através de um quadro
Por onde ela, a vida, entra em pé de ventos
E deixa tudo em volta revirado.

Pela janela, passa a vida, nada bela
Com sussurros de que tudo vai passar.
Caleidoscópico do tempo, a janela
É ampulheta suspensa
De onde a gente tem vontade de gritar.

A árvore em frente
Já deu flor, perdeu folha,
Secou e de novo esverdeou.
Tempo escoado pelas frestas
Da mágica tela onde a vida aquarelou.

Polens adentram por ela, a janela
E tentam fecundar o trevo de quatro folhas
Que o amargor dos dias há muito já secou.

Pela janela, o sonho sai, vai, voa
Em busca de um raminho à toa
Que mostre que a esperança rebrotou.

Verter

Verter

Versos tristes,

Prantos, pitangas

Flores de Aruanda

Lágrimas de fogo

Ardem ao rolar...

Inundam o chão...

Ver-te

Norte

Acalenta

De verdade

A sina

De isolado,

Sem o abraço,

Que é vacina

Contra a saudade.

Semente

Se eu pudesse
plantava sementes
de vento
cultivava pés de tempestades
que depois de colhidas
levariam em tufões
a dor deste momento
para os mercados
do esquecimento
onde não batem corações

A humanidade estaria alimentada.



José Huguenin é natural de Cantagalo –RJ, físico, poeta, escritor, é professor universitário em Volta Redonda—RJ, onde mora. Publicou livros de poemas, contos, crônica, fotografia, romance e divulgação científica.

site: www.josehuguenin.com

Instagram: [@jose.huguenin](https://www.instagram.com/jose.huguenin)

Facebook: José Huguenin

José Huguenin Edições
2021